

**O NARRADOR BENJAMINIANO  
NO CONTO “COM SUA VOZ DE MULHER”  
DE MARINA COLASANTI**

*Simone Campos Paulino* (UNIGRANRIO)

[simone.paulino@gmail.com](mailto:simone.paulino@gmail.com)

*Vera Lúcia Teixeira Kauss* (UNIGRANRIO)

[verakauss@gmail.com](mailto:verakauss@gmail.com)

Era uma longa história, uma história como ninguém nunca havia contado naquela cidade onde não se contavam histórias. E as mulheres ouviram de olhos bem abertos, enquanto o fio saía fino e delicado entre seus dedos. (COLASANTI, 2015, p. 232)

**RESUMO**

Walter Benjamin, no ensaio “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, destacou a importância do narrador na sociedade e o prazer agregador que o homem tinha através das histórias narradas. No conto “Com sua voz de mulher”, Marina Colasanti ilumina a imagem da mulher como contadora de histórias, dando a ela um aspecto divino. A narrativa inicia com o personagem de um deus preocupado com a infelicidade de seu povo. Para descobrir as causas que não permitiam as pessoas terem uma vida plena, o deus vai à Terra, mas não toma a forma de animal ou homem, ele desce como um deus-mulher. Sobre a identidade escolhida, o deus-mulher tem sua divindade questionada e assume tarefas domésticas, uma vez que, como mulher, nenhuma outra atividade poderia exercer. Entretanto, através das narrativas, como contadora de histórias, o deus-mulher acaba cativando seu povo. As histórias contadas pelo deus-mulher salvaram os homens da tristeza e do tédio em que se encontravam e, mesmo após a partida deste, as histórias continuaram. “E, o tempo passando, ninguém mais podia dizer com certeza de onde tinha vindo esta ou aquela história, e quem havia contado primeiro” (COLASANTI, 2015, p. 233). Observando esse conto, podemos vislumbrar o narrador descrito por Walter Benjamin no ensaio “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” e o poder da contação de histórias na vida do homem e da sociedade. Apontaremos, portanto, nesta comunicação, as características do narrador benjaminiano presente no conto “Com sua voz de mulher” e o papel feminino como contadora de histórias.

**Palavras-chave:** Narrador. Conto. Walter Benjamin.

**1. Introdução**

No ensaio intitulado “O narrador: considerações sobre a obra de

Nikolai Leskov”, Walter Benjamin ilumina a importância da narrativa no intercâmbio de experiências e descreve o que viria a ser esta figura do narrador. No ensaio supracitado, o filósofo alemão observa a relevância do papel do narrador como conselheira e alerta, numa visão apocalíptica, sobre o fim do ato de narrar. Segundo Benjamin, “a arte de narrar aproxima-se de seu fim porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção”. (BENJAMIN, 2012, p. 217)

Ao lermos o ensaio de Benjamin, percebemos a existência de uma ligação entre narração, narrador e sabedoria. “O narrador figura entre os mestres e os sábios” (*Ibidem*, p. 240). Desta forma, podemos compreender que o narrador descrito por Benjamin é um homem sábio, capaz de aconselhar.

No conto “Com sua voz de mulher”, Marina Colasanti ilumina a imagem do narrador, através da figura da mulher como contadora de histórias, dando a ela um aspecto divino. A narrativa inicia com o personagem de um deus preocupado com a infelicidade de seu povo. Para descobrir as causas que não permitiam as pessoas terem uma vida plena, o deus vai à Terra, mas não toma a forma de animal ou homem, ele desce como um deus-mulher. Sobre a identidade escolhida, o deus-mulher tem sua divindade questionada e assume tarefas domésticas, uma vez que, como mulher, nenhuma outra atividade poderia exercer. Entretanto, através das narrativas, como contadora de histórias, o deus-mulher acaba cativando seu povo. As histórias contadas pelo deus-mulher salvaram os homens da tristeza e do tédio em que se encontravam e, mesmo após a partida deste, as histórias continuaram.

## **2. Considerações sobre o narrador benjaminiano**

O filósofo alemão Walter Benjamin, da escola de Frankfurt, descreveu em seu ensaio “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” a figura desse citado narrador e a importância do ato de narrar para a humanidade.

O ensaio que originalmente tem em seu título o termo *Der Erzähler* foi traduzido em português como “narrador” e em inglês como *storyteller* (contador de histórias), podendo, portanto, considerar as duas traduções como corretas. Entretanto vemos como mais adequado chamar este narrador benjaminiano de contador de histórias, uma vez que é esta a figura que é abordada no ensaio do filósofo alemão e que corrobora com

o tema abordado no presente artigo.

O mais importante e recorrente na figura do narrador benjaminiano é sua capacidade de trocar experiências. “O narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outros” (BENJAMIN, 2012, p. 217). Além disso, o filósofo aponta para uma função utilitária da narrativa: aconselhar. Benjamin afirma que o narrador sabe dar conselhos e, mais que isso, existe por parte dos narradores natos um senso prático do ato de narrar e o reconhecimento da função utilitária deste ato. “Essa utilidade pode consistir, por vezes, num ensinamento moral, ou numa sugestão prática, ou também num provérbio ou norma de vida”. (*Ibid.*, p. 216)

Walter Benjamin afirma que a narrativa é uma forma artesanal de comunicação e é neste meio – do trabalho artesanal – que ela floresceu (Cf. BENJAMIN, 2012). “O grande narrador tem sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais” (BENJAMIN, 2015, p. 231). Portanto, era enquanto as mulheres fiavam, por exemplo, que o fio da história era também sendo tecido. “O narrador é um artesão que tem como ferramenta e produto de trabalho as narrativas”. (PAULINO, 2015, p. 25)

O filósofo aponta para dois grandes modelos arcaicos de narradores: (1) aquele que viaja muito (como um marinheiro mercante); (2) aquele que ganhou a vida honestamente sem sair de sua terra e conhece a tradição do seu povo (como um camponês sedentário). (Cf. BENJAMIN, 2012)

A historiadora Marina Warner, no livro *De Fera a Loira: Sobre Contos de Fadas e Seus Narradores*, observa que Benjamin excluiu a figura feminina de seus possíveis narradores (contadores de histórias). Warner afirma que Benjamin “ignora a figura da fiandeira, a mulher madura com sua roca, que pode trabalhar na cidade ou no campo, fixa num lugar ou em movimento, no mercado, ou em peregrinação (...)”. (WARNER, 1999, p. 48)

A figura da mulher como contadora de histórias, entretanto, não foi ignorada por Charles Perrault, por exemplo, que se utilizou da figura arquetípica da Mamãe Ganso (a velha fiandeira) em sua coletânea de contos de fadas.

### 3. O narrador em “Com sua voz de mulher”

No conto “Com sua voz de mulher” de Marina Colasanti, temos como protagonista um deus que cuida de uma cidade. Essa divindade garante tudo o que é necessário à humanidade, porém uma tristeza os assola. Deus sem entender o sentimento de seu povo, desce à cidade, personificado em mulher. “Mas dessa vez não seria como animal que desceria à Terra. Remexeu entre as peles dos humanos, escolheu uma escura, bronzeada de sol” (COLASANTI, 2015, p. 230). Entretanto, sendo uma mulher, deus teve sua divindade questionada entre os humanos. “Fosse deus, teria vindo como guerreiro, herói, ou homem poderoso. Fosse deus, apareceria como leão, touro bravo ou águia lançando-se das nuvens” (*Ibidem*, p. 231). Tendo a divindade questionada, o deus-mulher empregou-se em uma casa para ajudar nas tarefas domésticas e ali observava a humanidade.

Colasanti faz uma breve descrição da vida cotidiana da família que acolheu o deus-mulher e essa descrição observa a rotina estabelecida pela família quando se reuniam à noite, após exaustivo dia de trabalho.

À noite, juntavam-se no estábulo para aproveitar o calor dos animais. As mulheres fiavam. Os homens consertavam ferramentas ou traziam cestos. Ninguém falava. As noites eram longas depois de longos dias. Os humanos se entediavam. (COLASANTI, 2015, p. 232 – grifos nossos)

Observemos no trecho anteriormente destacado que a família, apesar de se reunir, não trocava experiências, não conversava e emergia no tédio. Ainda que a descrição dessa reunião nos remeta a *veillée* – “reunião junto à lareira, à noitinha, quando os homens consertavam suas ferramentas e as mulheres costuravam, escutando as histórias” (DARTON, 1986, p.32) – existe uma diferença crucial: a ausência do contador de histórias.

Segundo Benjamin, “[Com o tédio] desaparece o dom de ouvir” (BENJAMIN, 2012, p. 220). Desta forma, observamos que a humanidade descrita no conto já não possui mais a capacidade de ouvir, devido ao tédio e, portanto, é incapaz de intercambiar experiências.

O deus-mulher, observando a família, toma para si a figura da contadora de histórias.

Contou uma história que se havia passado no seu mundo, (...) aquele mundo onde tudo era possível. E as mulheres ouviram de olhos bem abertos, enquanto o fio saía fino e delicado entre seus dedos (...). E ninguém falou nada, enquanto ele contava, embora em seus corações todos estivessem contando com ele. (COLASANTI, 2015, p. 232)

Imersos em seus afazeres cotidianos, a família ouviu a história contada pelo deus-mulher, não só a ouviu, mas deixou-se arrebatado pelo narrador e pelo que foi narrado. Podemos perceber nesse trecho que a história contada é de cunho maravilhoso, uma vez que se observa que ela se passava em um mundo onde tudo era possível. Ora, são as narrativas maravilhosas que admitem novas leis da natureza e infinitas possibilidades. Desta forma, podemos inferir que a narrativa contada, a primeira história ouvida por aqueles homens, foi um conto maravilhoso, quicá, um conto de fadas. Segundo Benjamin, “o primeiro narrador verdadeiro é e continua sendo o narrador de contos de fadas. Esse conto sabia dar bons conselhos, quando ele era difícil de obter, e era *o primeiro a ajudar em caso de emergência*” (2012, p. 232 – grifo nosso). Ao observarmos a possibilidade de essa primeira narrativa pertencer à vertente do maravilhoso, apontamos para o primeiro conselheiro da humanidade: os contos de fadas.

No conto “Com sua voz de mulher” a imagem feminina como contadora de histórias é iluminada. Marina Warner aponta que

Benjamin não imaginava uma vez sequer que seus contadores de histórias possam ser mulheres, ainda que identifique de modo tão claro e eloquente a conexão entre o trabalho rotineiro e repetitivo e a narrativa – contar histórias é em si “uma forma artesanal de comunicação”, escreveu ele. (WARNER, 1999, p. 48)

No conto colasantiano, é observada a mudança na rotina da humanidade depois da inserção da narrativa. A contação de histórias passa a fazer parte do cotidiano daqueles homens e a ser o entretenimento deles. “O ato de narrar [...] fez-se necessário para pequenos relatos e depois se tornou uma prática fundamental, não apenas para o entretenimento, mas para a conservação dos saberes”. (PAULINO, 2015, p. 25)

No conto, Colasanti descreve que, após a primeira história contada, as reuniões à noite não eram mais envolvidas em tédio e silêncio. “Assim, noite após noite o deus contou suas histórias à família *como até então lhes havia entregue as frutas maduras cheias de sementes*” (COLASANTI, 2015, p. 232 – grifo nosso). Percebe-se, portanto que a humanidade precisava de mais que alimento para sobreviver. O deus-mulher entregou aos homens as histórias, como Prometeu, outrora, entregara à humanidade o fogo na mitologia grega, ambos iluminando-os, apresentando-os com algum tipo de sabedoria.

Entretanto, no conto colasantiano, os homens não eram transformados pela narrativa apenas no momento em que as ouviam, mas as histórias os acompanhavam em suas tarefas diárias.

Agora, durante o dia, enquanto aravam, martelavam, enquanto erguiam o machado, os homens lembravam-se das histórias que tinham ouvido à noite, e tinham a impressão de navegar, voar, cavalgando trovões e nuvens como aquelas personagens. (COLASANTI, 2015, p. 232- 233)

As histórias do deus-mulher salvaram a humanidade do tédio e a transformaram. Benjamin afirma que “Ela [narrativa] mergulha a coisa [narrada] na vida no narrador para em seguida retirá-la dele” (2012, p. 221). Sendo assim, ao trocar suas experiências – a coisa narrada – o deus-mulher apresentou aos seus ouvintes uma nova forma de ver e encarar o mundo.

Benjamin afirma que “A experiência que passa de boca em boca é a fonte a que recorrem todos os narradores” (BENJAMIN, 2012, p. 214). Observamos, portanto que as histórias não são estáticas: elas viajam pelas bocas dos contadores de histórias. No conto “Com sua voz de mulher”, Colasanti descreve o início da disseminação da história contada pelo deus-mulher da seguinte forma: “Foi quando a mulher que havia estado no estábulo passou a repetir as histórias do deus para outros habitantes da cidade. (...) *Mais que contar, recontava*. Depois houve um rapaz que também”. (COLASANTI, 2015, p. 233)

No conto colasantiano, as histórias foram transmitidas de forma natural, inseridas no cotidiano da humanidade e desta forma os homens se sentiram confortáveis em transmitir essas narrativas. Benjamin descreve esse processo da seguinte forma:

Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, tanto mais facilmente a história será gravada na memória do ouvinte, tanto mais completamente ela irá assimilar-se à sua própria experiência, tanto mais irreversivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia. (BENJAMIN, 2012, p. 220)

Observe que destacamos o fato que a história não era apenas contada, mas recontada. No conto ainda se relata, sobre a repetição das histórias, que “aqui e ali, acrescentava e tirava coisas, de modo que cada história, sendo a mesma, era outra” (COLASANTI, 2015, p. 233). Sobre esse aspecto das narrativas e dos contadores de histórias, Benjamin afirma que os narradores imprimem suas marcas em suas narrativas, assim como os artesões o fazem nos objetos que produzem. (Cf. BENJAMIN, 2012)

No desfecho do conto, o deus-mulher retorna à forma divina e deixa as histórias como heranças para a humanidade. Entretanto, as narrativas acabam se disseminando a tal ponto que se torna impossível apontar sua paternidade (ou seria maternidade?). “E, o tempo passando, ninguém mais podia dizer com certeza de onde tinha vindo esta ou aquela história, e quem a havia contado primeiro”. (COLASANTI, 2015, p. 233)

#### **4. Considerações finais**

Walter Benjamin, no ensaio “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, afirma que “Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo” (2012, p. 220). No conto colasantiano “Com sua voz de mulher”, abordado no presente artigo, observamos que a humanidade se salvou do tédio através da repetição de histórias contadas pelo deus-mulher.

O conto colasantiano nos possibilita observar a figura da contadora de histórias, ignorada por Walter Benjamin ao descrever os modelos arcaicos de narradores. Marina Colasanti, entretanto, foca nessa contadora de histórias: conferindo-lhe uma aura divina, incumbe-a do papel de sábia conselheira.

As narrativas dentro do conto “Com sua voz de mulher”, floresceram enquanto as pessoas estavam imersas em trabalhos manuais – como a costura, por exemplo. Esse meio é fértil para a narrativa, segundo Walter Benjamin, pois a narrativa é uma “forma artesanal de comunicação”; e quanto mais imerso no trabalho, mais facilmente a narrativa é absorvida. (Cf. BENJAMIN, 2012)

O conto “Com sua voz de mulher” explora todas as características do contador de histórias descrito no ensaio de Walter Benjamin, e vai além, destacando a figura feminina e a importância da contadora de histórias.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

COLASANTI, Marina. Com sua voz de mulher. In: \_\_\_\_\_. *Mais de 100 histórias maravilhosas*. São Paulo: Global, 2015.

DARNTON, Robert. Histórias que os camponeses contam: o significado de Mamãe Ganso. In: \_\_\_\_\_. *O grande massacre de gatos, e outros episódios*.

*diós da história francesa*. Trad.: Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. 21-93.

PAULINO, Simone Campos. *Nos fios das narradoras: tramas e urdiduras do feminino nos contos de fadas nos contos de fadas de Angela Carter e Marina Colasanti*. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

WALTER, Benjamin, O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

WARNER, Marina. *De fera a loira: sobre contos de fadas e seus narradores*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.